

**PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE UM CURSO ONLINE DURANTE O
ISOLAMENTO SOCIAL**

**STUDENTS' PERCEPTION OF AN ONLINE COURSE DURING SOCIAL
ISOLATION**

**PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES SOBRE UN CURSO EN LÍNEA DURANTE
EL AISLAMIENTO SOCIAL**

Apresentação: Pôster

Nívea Maria da Costa Sousa Leite¹; Livia de Sousa Oliveira Macedo²; Jovan Marques Lara Junior³; Layane Ribeiro de Araujo Leal⁴; Rosana Martins Carneiro⁵

INTRODUÇÃO

A situação de isolamento social, imposta pela pandemia de COVID-19 no Brasil em 2020, obrigou escolas de ensino básico e superior, público e particular, de todo Brasil, a adotarem o ensino através de atividades remotas. A educação remota, adotada como um modelo emergencial para suprir a necessidade de ensino durante a quarentena, utiliza intensamente as tecnologias virtuais.

No entanto, novos desafios surgiram diante da atual realidade, por exemplo, as limitações tecnológicas dos estudantes. Para ilustrar esse quadro, a pesquisa TIC Educação publicada em 2020, revelou que 39% dos estudantes de escolas públicas urbanas e 9% nas escolas particulares, não tinham computador ou tablet em casa. Esse foi o cenário no qual se iniciou o ensino remoto brasileiro (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2020).

O novo contexto de ensino trouxe consigo a necessidade de adoção de novas estratégias pedagógicas, como capacitação docente, adaptação dos estudantes, além de desafios como saúde mental da comunidade e manejo do tempo para estudo, e a garantia de acesso por parte dos estudantes tornou-se uma preocupação da comunidade acadêmica (RAJAB MH, 2020).

Isto posto, coube avaliar por meio deste trabalho, o local de acesso às tecnologias digitais, os dispositivos tecnológicos utilizados e a opinião dos alunos sobre essa nova modalidade de ensino.

1 Tecnologia em Alimentos, IFPI, nivea.sousa@ifpi.edu.br

2 Tecnologia em Alimentos, IFPI, jovan.marques@ifpi.edu.br

3 Tecnologia em Alimentos, IFPI, liviamedo@ifpi.edu.br

4 Tecnologia em Alimentos, IFPI, layaner.leal@ifpi.edu.br

5 Doutora, IFPI, rosana.pires@ifpi.edu.br

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em 11 de março de 2020, a OMS afirmou que COVID-19 era agora caracterizada como pandemia (Folha..., s.d.). Devido a este cenário que afetou o mundo, as pessoas tiveram suas rotinas afetadas, principalmente pelo isolamento social e quarentena no trabalho e escola. Neste sentido, escolas e universidades enfrentaram o desafio de seguir promovendo a aprendizagem *online*, por meio de plataformas digitais (HODGES *et al.*, 2020).

O ensino remoto se mostrou uma opção importante para garantir o vínculo entre estudantes e professores, especialmente diante da dificuldade de se fazer projeções sobre o retorno das aulas presenciais (ARRUDA, 2020).

Pesquisador na área, Magalhães, 2021, acredita que não se deve criar barreiras no acesso à educação, sobretudo para crianças e adolescentes que já se encontram em situação de vulnerabilidade. No entanto, revela que antes de pensar em EAD e em outras modalidades de ensino remoto, é necessário massificar os investimentos em educação e desenvolver políticas públicas nesse campo que levem em consideração as condições sociais e econômicas em que vive a maior parte dos estudantes brasileiros, principalmente os mais pobres e vulneráveis, sobre os quais as consequências da pandemia de covid-19 têm se abatido com mais gravidade.

Pesquisas tem sinalizado que para reduzir a inequidade entre os discentes em relação ao acesso às plataformas remotas, de modo a evitar que as estratégias pedagógicas sejam um fator de desigualdade no processo ensino-aprendizagem, é importante realizar a identificação de estudantes com dificuldade de acesso, a escuta atenta sobre o ensino remoto e a doação de dispositivos (APPENZELLER, et al. 2020).

Embora sejam muitas as dificuldades enfrentadas durante o período da pandemia, as famílias apresentaram criatividade e demonstraram grande poder de adaptação para enfrentar a situação. As principais dificuldades enfrentadas pelos pais durante a pandemia foram: a administração do tempo, à concentração no trabalho e estudos, à internet ruim e a conciliar o estudo do filho com o trabalho. As estratégias adotadas para lidar com estes problemas são a organização da rotina, melhor ambientação do local de trabalho e estudo, a conversa a fim de melhor informar os filhos e o acompanhamento deles em suas atividades (LUNARDI, 2021).

As experiências advindas dos desafios enfrentados durante a pandemia de COVID-19 deverão ser usadas como base para o desenvolvimento de políticas públicas para outras situações adversas que o país possa enfrentar (NAKANO, 2021).

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em abordagem quantitativa. O público-alvo foram alunos matriculados no curso de Rotulagem Geral de Alimentos, ofertado de forma remota pelo IFCE no programa de Formação Inicial e Continuada (FIC), em 2020, através da plataforma educacional Google Sala de Aula. Foi aplicado um questionário utilizando a ferramenta de formulários do Google, com perguntas fechadas sobre o perfil do público-alvo, o local de acesso às tecnologias digitais, os dispositivos tecnológicos utilizados e a opinião dos alunos sobre essa nova modalidade de ensino. Os dados obtidos foram analisados pelo Programa SPSS, v. 21.0, determinando-se as frequências absolutas e relativas.

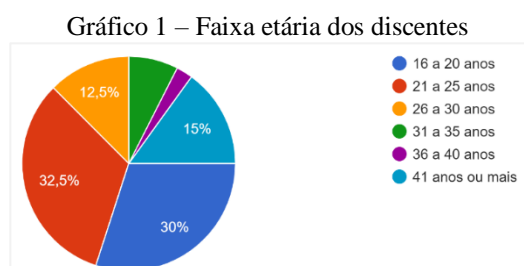
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos discentes

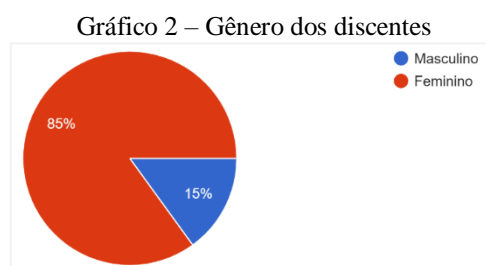
Participaram da pesquisa 40 alunos, regularmente matriculados no curso de Rotulagem Geral de Alimentos, com carga horária de 40 horas, ofertado de forma remota pelo IFCE no programa de Formação Inicial e Continuada (FIC) através da plataforma educacional Google Sala de Aula, no ano de 2020.

A maior parte dos discentes informou faixa etária que variava de 16 a 20 anos (30%) e 21 a 25 anos (32,5%). Os demais participantes afirmaram ter idade acima de 41 anos (15%), entre 26 e 30 anos (12,5%), entre 31 e 35 anos (7,5%) e entre 36 e 40 anos (2,5%) (Gráfico 1).

Em relação ao gênero, a grande maioria dos discentes participantes afirmaram ser do sexo feminino (85%), enquanto 15% eram do sexo masculino (Gráfico 2).



Fonte: Propria (2021).



Fonte: Própria (2021).

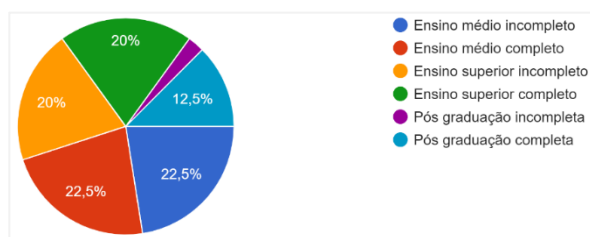
Estas informações corroboram com CensoEAD.BR, da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), que abrange dados de 2019 e 2020, mostrando que o público feminino é maioria na Educação a Distância, representando 55,7%, contra 44,3% de homens. A maior presença das mulheres no ensino a distância pode ser devido à possibilidade em poder conciliar melhor os estudos com as tarefas do dia a dia. Nessa situação o/a aluno (a) pode

escolher o horário mais conveniente para estudar e desenvolver as tarefas de acordo com a sua rotina.

No quesito escolaridade, observou-se que a população era bem heterogênea, apresentando nível educacional variado. Aqueles alunos que revelaram ter ensino médio completo ou incompleto, somaram um total de 45%. Os discentes com curso superior completo ou incompleto corresponderam a 40% do total e os 15% restantes, indicaram pós-graduação completa ou incompleta (Gráfico 3).

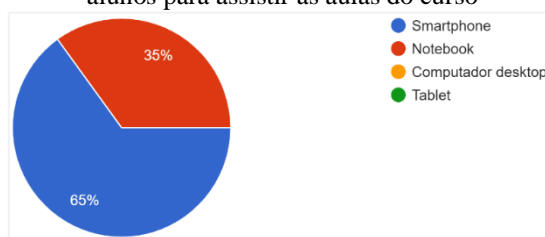
Ao serem questionados sobre qual o dispositivo tecnológico mais utilizado para assistir ao curso, 65% dos alunos responderam o Smartphone, seguido do notebook (35%). Nenhum discente afirmou fazer uso de computador desktop ou tablet (Gráfico 4).

Gráfico 3 – Escolaridade dos alunos



Fonte: Própria (2021).

Gráfico 4 – Dispositivo tecnológico utilizado pelos alunos para assistir as aulas do curso



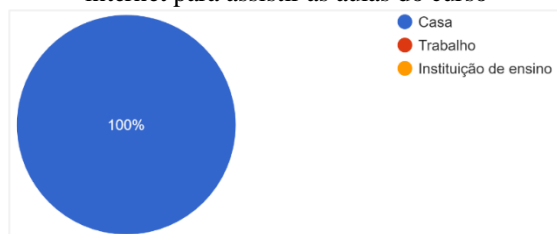
Fonte: Própria (2021).

Em pesquisa realizada por Simone Appenzeller et al. (2020) após a suspensão das atividades presenciais e a implementação do ensino remoto do curso de Medicina da Unicamp, foi encontrado que a maior parte dos alunos acompanhava as aulas por computadores e notebooks, mas, muitas vezes, estes eram compartilhados com outros membros da família. Alguns estudantes apontaram também que muitas vezes, não conseguiam acompanhar o curso por falta de aparelhos ou acesso à internet.

O próprio domicílio foi o local em que 100% dos estudantes utilizaram a internet para assistir as aulas do curso. Nenhum deles apontou ter frequentado o trabalho ou a instituição de ensino com este objetivo (Gráfico 5).

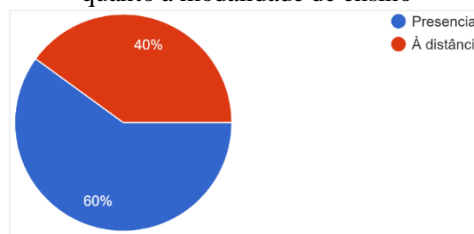
No entanto, se pudessem escolher, 60% dos estudantes preferia ter aulas presenciais, em detrimento dos 40% que preferiam cursá-lo à distância (Gráfico 6). As famílias precisaram adequar espaços privativos para trabalho e estudo. Sabe-se que o desenvolvimento do Ensino Remoto Emergencial depende do acesso à internet domiciliar, por educadores e discentes, onde estes indivíduos estão convivendo com as dificuldades individuais e familiares, laborais e culturais relativas às diversas políticas de isolamento social postas pela situação de pandemia (CASTIONI et al. 2021).

Gráfico 5 – Local onde os alunos mais utilizaram a internet para assistir as aulas do curso



Fonte: Própria (2021)

Gráfico 6 – Preferência dos alunos para o curso quanto à modalidade de ensino



Fonte: Própria (2021)

CONCLUSÕES

Durante o isolamento social surgiu a oportunidade para realização de ensino de forma remota. O público feminino e jovem (16 a 25 anos) foi maioria no ensino à distância. O nível de escolaridade foi bem heterogêneo, variando desde o ensino médio incompleto até a pós-graduação. A maioria dos estudantes, se pudesse escolher, preferia que o curso fosse presencial. O principal dispositivo tecnológico utilizado para acessar as aulas foi o smartphone e o local no qual acessavam a internet era a própria residência.

REFERÊNCIAS

APPENZELLER, S; MENEZES, F H; SANTOS, G G; PADILHA, R F; GRAÇA, H S; BRAGANÇA, J F. Novos tempos, novos desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial. **Rev. bras. educ. med.** 44 (Suppl 01) • 2020.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v.7, n.1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 15 set. 2024.

CASTIONI, R; MELO, A A S; NASCIMENTO, P M; RAMOS, D L. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 399-419, June 2021.

CENSO EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2019/2020 [organização] **ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância**; Camila Rosa (tradutora). Curitiba: Inter Saberes, 2021.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2019** [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

FOLHA informativa sobre covid-19, s.d., 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 24 set. 2024.

HODGES, Charles et al. Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, Recife, v.2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>. Acesso em: 15 set. 2024.

LUNARDI, N M S S et al. Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. **Educ. Real**. 46 (2), 2021.

MAGALHÃES, R C S. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **Hist. cienc. Saúde – Manguinhos**. 28 (4), out-dez, 2021.

NAKANO, T C; ROZA, R H; OLIVEIRA, A W. Ensino remoto em tempos de pandemia: reflexões sobre seus impactos. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 1368-1392, jul. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762021000301368&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 20 set. 2024.

RAJAB, M H, GAZAL, A M, ALKATTAN, K. Challenges to online medical education during the COVID-19 pandemic. **Cureus**. 2020;12(7).